

GRUPO RAÍZES DA TERRA: QUALIDADE DE VIDA, A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Patricia Dantas Vergasta¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar os impactos na qualidade de vida de homens e mulheres de uma comunidade rural no sudoeste baiano, com base no trabalho desenvolvido com a perspectiva de gênero, no período de 1998 a 2005. Abordar-se-ão os conceitos relacionados a gênero e a experiência do Grupo Raízes da Terra. Elegeu-se como metodologia a pesquisa participante. Utilizaram-se como instrumentos a análise documental, entrevistas semi-estruturadas, grupos focais e observação participante, permitindo o reconhecimento das agricultoras como trabalhadoras, a inserção das mesmas nos espaços de tomada de decisões, o aprimoramento do conhecimento de homens e mulheres e um novo olhar e atitude a respeito do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Qualidade de vida; Desenvolvimento humano

REFLEXÕES SOBRE GÊNERO

Gênero é um conceito historicamente construído; refere-se ao significado social atribuído aos sexos masculino e feminino. A historiadora e feminista americana Joan Scott (2005, p.3) afirma:

O gênero é [...] uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. [...] O uso do “gênero” coloca a ênfase sobre todo o sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não é diretamente determinado pelo sexo nem determina diretamente a sexualidade.

A identidade de gênero é conferida conforme o tipo de comportamento aceito por uma dada cultura. Características biológicas servem de referencial para a designação de significados, práticas, conceitos e crenças que delimitam o que é ser homem ou mulher em cada contexto, contribuindo para a definição dos papéis a serem desempenhados na sociedade. Os papéis sociais são construídos e consolidados ao longo da história social e individual, propiciando, muitas vezes, a imputação de rótulos.

As relações de gênero se baseiam nas idéias e práticas acerca de como se dão as relações entre homens e mulheres num determinado tempo, contexto social e lugar. São inúmeros os desafios que as mulheres enfrentam na sua vida cotidiana, fazendo-se necessária uma mudança de atitude, a fim de harmonizar a sua vida pessoal, profissional, familiar e afetiva. Tal mudança está relacionada, entre outros aspectos, ao exercício da liderança e do poder, que são fundamentais à construção da cidadania.

¹ Mestra em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social, pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisa da Fundação Visconde de Cairu (CEPPEV). Especialista em Gestão e Desenvolvimento de Seres Humanos. Especialista em Dinâmica de Grupo. Assistente Social. Docente do curso de graduação em Serviço Social da Facdelta e de cursos de pós-graduação nas áreas de educação e administração. Assessora de Gênero do Projeto Terra de Valor, financiado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) e coordenado pela Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR), da Secretaria de Desenvolvimento e Integração Regional (SEDIR) do Estado da Bahia.

O empoderamento é um processo de conquista do poder e o seu exercício possibilita às pessoas enfrentar com mais segurança os obstáculos que impedem o pleno acesso à satisfação das suas necessidades. Quando se trata de empoderamento feminino, surge um fator que, aparentemente, não é comum a homens e mulheres: a autonomia e a liberdade para adquirir o poder econômico. Nas mulheres, o processo da sua conquista deve cuidar de provê-las de autonomia suficiente para que possam decidir sobre a sua vida social, política e econômica, sem que seja necessária a sua subordinação às relações de gênero que se sucedem na ordem social; o trabalho se apresenta como uma das fontes de emancipação feminina.

Na literatura sobre gênero, o trabalho é classificado em produtivo, reprodutivo e comunitário. O trabalho produtivo, de acordo com a teoria marxista, é aquele que se transforma diretamente em capital e a sociedade geralmente só o reconhece por ser exercido mediante um pagamento. Não obstante historicamente ser exercido por homens e mulheres, o mérito foi atribuído aos primeiros, considerados os provedores da família.

O trabalho reprodutivo está relacionado aos cuidados e manutenção da família e da casa, sendo que, muitas vezes, não é reconhecido devido à ausência de remuneração. É uma atividade tipicamente desempenhada pelas mulheres e, a despeito da sua relevância para a sobrevivência de muitas famílias, é naturalizado, desvalorizado, não remunerado e desenvolvido com tecnologias pouco apropriadas. Não costuma ser assumida nem considerada uma atribuição masculina, seja por homens ou mulheres.

O trabalho comunitário apresenta grande valor para a vida cultural e espiritual das pessoas. Por não gerar renda é pouco reconhecido enquanto atividade laboral. As mulheres assumem, na esfera comunitária, papéis semelhantes aos desempenhados no âmbito doméstico e têm pouca participação nos postos-chave de decisão. O trabalho comunitário apresenta brechas para o exercício do poder, pois abre possibilidades de comunicação.

Cabe a homens e mulheres concentrarem forças a fim de superar os estereótipos de gênero construídos historicamente. O investimento em necessidades estratégicas de gênero é fundamental; é uma obrigação, de uma atitude ética com o ser humano. É fundamental a compreensão desses fenômenos e o compromisso de, conhecendo a verdade, multiplicá-la. Trata-se de um processo de empoderamento que está vinculado à melhoria da qualidade de vida e, conseqüentemente, ao desenvolvimento do ser humano.

MULHERES E HOMENS EM TRANSFORMAÇÃO

A perspectiva de desenvolvimento humano apresenta um caráter holístico, segundo o qual cada indivíduo é considerado como um agente de transformação da sociedade. O desenvolvimento encontra-se estreitamente vinculado à concepção de qualidade de vida, entendida como a soma de todos os fatores positivos que o meio ambiente disponibiliza para a vida humana, proporcionando satisfações físicas, psicológicas, espirituais e afetivas. A melhoria da qualidade de vida está relacionada à capacidade das pessoas em responder às pressões e aos impactos ambientais que as cercam; tal capacidade depende de um cenário propício à educação como objeto primordial; trata-se de um processo cultural, que envolve mudanças políticas, sociais e econômicas. Nessa perspectiva, será apresentada a transformação de mulheres e homens a partir de uma intervenção de gênero.

Em 1998, um grupo de mulheres manifestou a necessidade de se organizar para o desenvolvimento de atividade que gerasse renda, a fim de incrementar o orçamento doméstico. Não sabiam em que trabalhar, mas pensavam em artesanato relacionado ao barro ou à costura; na região, contudo, não havia tal tradição. Essas pessoas estavam motivadas e ansiavam transformar

a sua rotina, mesmo que a expressão do seu desejo refletisse a reprodução cultural da identidade de gênero e dos papéis que lhes eram atribuídos. Ou seja, a mulher no padrão de comportamento como ajudante e colaboradora do homem, mantenedora da harmonia do espaço doméstico, tendo a sua colaboração financeira minimizada e com a expectativa de exercer um trabalho que realçasse as qualidades manuais que a sociedade lhe confere.

Homens e mulheres começaram a receber a assessoria – através de uma equipe multidisciplinar, assessorada por uma assistente social – de um projeto de desenvolvimento comunitário rural que tinha como objetivo melhorar a qualidade de vida das famílias rurais. Muitas atividades produtivas foram analisadas, chegando-se à conclusão de que a melhor alternativa era a exploração da caprinocultura de corte, haja vista que todos os integrantes do grupo, homens e mulheres, tinham experiência na atividade, além da comunidade possuir potencial para a sua expansão.

Dentro desse momento que a todos envolvia e mobilizava, surge, então, o grupo Raízes da Terra. A oito de março de 1999 foi escolhido o nome do grupo através de concurso, por uma das participantes — que foi presenteada com uma cabra, doada imediatamente ao grupo como a primeira cabeça de gado da futura criação. Com essa trajetória inicial, homens e mulheres iniciaram o processo de tomada de consciência e poder. As pessoas se reconheceram enquanto autores e autoras das suas histórias, começando pelo domínio dos próprios assuntos, das próprias vidas e dos seus destinos.

O empoderamento das mulheres, em particular, manifestou-se com a tomada de decisões coletivas e de mudanças individuais. Elas começaram a vivenciar o poder com base no conhecimento e na referência, sendo o primeiro uma grande novidade, pois estavam habituadas ao poder coercitivo e de recompensas. French e Raven (1959 apud SMITH; PETERSON 1994) apresentam cinco bases de poder, cujos mecanismos são descritos por Tavares (1996), e que se resumem em:

- Poder coercitivo – influencia as pessoas através de sanções e punições;
- Poder de recompensa – influencia as pessoas através da distribuição de vantagens;
- Poder legítimo – relacionado à posição hierárquica ocupada;
- Poder de conhecimento – diz respeito ao conhecimento em uma dada situação;
- Poder referente – baseado em pessoas que são tomadas como modelo ou referência.

Em meio ao processo, quando o grupo já demonstrava grande poder de mobilização, multiplicando, inclusive, os conhecimentos adquiridos, confeccionou uma proposta de crédito para viabilizar um negócio de caprinocultura. O financiamento, todavia, foi negado e arquivado sob parecer de inviabilidade econômica. A notícia, embora gerasse grande frustração no grupo, não o fragilizou. Ao contrário, as reuniões foram intensificadas com a finalidade de discutir e encontrar alternativas possíveis de trabalho, continuando o processo de capacitação, além de mover-se para arrecadar fundos, com leilões de pequenos animais, doados pelos seus membros, para a estruturação inicial de um trabalho produtivo conjunto.

Começou-se a observar uma sensibilização quanto à igualdade entre as pessoas; a valorização da família — não mais sendo esta uma responsabilidade exclusiva da mulher; a conquista da autonomia; o cuidado com a saúde e a necessidade de fortalecimento do grupo. O empoderamento das mulheres se manifesta através de comportamentos, desejos e ações cotidianas como: a saída para outras comunidades e como instrutoras; garantia de participação em cursos e reuniões, mesmo em horários que comprometam o trabalho reprodutivo; retorno de algumas mulheres do grupo à escola; persistência em se concretizar a proposta de geração de renda; e, acima de tudo, a consciência do próprio valor enquanto ser humano no cultivo da auto-estima.

À medida que continuaram se aprimorando, discutiu-se uma nova alternativa de geração de renda para o grupo e decidiu-se fazer um financiamento para a criação de aves caipira, de forma coletiva. No final de 2004, o Grupo Raízes da Terra — composto à época por 20 pessoas, das quais 85% eram mulheres — reuniu-se para definir a estratégia do negócio. No papel de recentes pecuaristas na área de avicultura, essas pessoas continuaram a se capacitar. Após a liberação dos recursos financeiros pelo banco, exercitaram-se em questões específicas da atividade a ser desenvolvida, atentos ao fortalecimento da infra-estrutura do investimento. Durante a sua construção, conseguiram economizar certa quantia significativa de moeda corrente, originária da solidariedade e colaboração de outros moradores, visto que, futuramente, poderá ser fonte de geração de trabalho e renda para outros habitantes do lugar.

No final de 2005, os empréstimos começaram a ser pagos com o dinheiro ganho através de outros trabalhos desenvolvidos nas suas propriedades. O saldo financeiro, além de ser suficiente para investir nas aves caipiras, serviu para capital de giro nos anos de 2005 e 2006. Assim, outras conquistas foram somadas às anteriores, citando-se: o grupo já tem garantido com a prefeitura local contrato para o fornecimento de aves destinadas à merenda escolar; foi estabelecido contato com outros órgãos governamentais e organizações não-governamentais (ONGs), a fim de construir uma rede em conjunto com outros profissionais da mesma atividade; a Empresa Junior, de uma universidade estadual, se comprometeu a acompanhar a atividade. O grupo tem consciência dos futuros desafios, no entanto, pretende fazer uso das estratégias utilizadas nos últimos sete anos: persistência, respeito, solidariedade, aperfeiçoamento, humildade, autonomia e investimento na auto-estima.

O contexto apresentado, até aqui, permitirá apresentar a percepção de homens e mulheres da comunidade rural citada, a respeito da experiência do trabalho com a perspectiva de gênero. Por meio da metodologia da pesquisa participante, foram realizados três grupos focais, em que foram abordados os papéis de gênero, o processo de capacitação e a identidade de gênero. Vale destacar que serão apresentados depoimentos no decorrer do texto e, a fim de preservar a identidade dos (as) participantes, serão identificadas as falas por nomes de flores. Esta opção foi norteada pela característica do grupo: as mulheres se autodenominam “delicadas guerreiras” e se comparam constantemente às flores e à sua suavidade.

Em 1997, as mulheres não se sentiam trabalhadoras, ou seja, desenvolviam atividades produtivas sem se dar conta da sua importância.

Quando a gente tem um filho ou uma filha a gente cuida, dá banho, alimenta, faz carinho, não cobra por isso e nos sentimos obrigadas a fazer tudo isso. A mesma coisa acontecia antes. A gente trabalhava, trabalhava, de sol a sol, mas era como se fosse de nossa natureza; a gente fazia porque tinha que fazer, não parava para pensar no por que fazia. (Jasmim, 2005).

O trabalho produtivo ou reprodutivo serviu de fuga para elas; mesmo na invisibilidade, sentiam-se úteis. As informações e o debate gerado deixaram claro que a baixa auto-estima delas era originada do excesso de trabalho, e a forma como ele acontecia. Como relatado, essas pessoas não refletiam sobre a sua própria situação.

A gente era pequenininha e parece que a gente cresceu, ficou mais importante. Descobrimos que também temos vez. (Rosa, 2005).

Em 1997, por exemplo, desenvolviam atividades reprodutivas durante 6 horas e meia do seu dia. Em 2002, a situação não era diferente, contudo é um dado que chama a atenção ao se comparar a jornada envolvendo os dois anos. A despeito da permanência da rotina, elas puderam

re-nomear as atividades, assim, o que em 1997 era chamado de “cuidados com a roça”, em 2002 passou a ser “trabalho na roça”.

A mudança de nomenclatura da atividade reflete de forma clara a concepção de papel social defendida por Moreno (1978). O papel social é a forma que o indivíduo assume no contato com o meio, sendo ainda o resultado de uma série de condutas. Quando homens e mulheres da comunidade passaram a ter acesso a novas informações e conhecimentos, transformaram o modo de compreender o mundo segundo a nova dinâmica.

Analisando a rotina semanal das mulheres, referente ao ano de 2005, percebe-se uma transformação significativa. Não obstante o dia continuar cheio de atividades, houve mudança em termos de qualidade. Os trabalhos reprodutivos continuaram bastante presentes, mas com uma redução aproximada de 50% do tempo. Agora elas trabalham na roça e fazem o manejo da produção; foram incorporados termos técnicos ao seu linguajar e se reconhecem nos papéis que desempenham.

A cada reunião nos educamos mais. (Acássia, 2005).

Saber, para as mulheres, está intimamente relacionado com o poder, tanto que elegeram o conhecimento para a superação das desigualdades de gênero. Elas se sentem importantes quando vão trabalhar nas suas propriedades, sentem-se livres.

Eu achava que era a pessoa mais bobinha que tinha [...] (Jasmim, 2005).

Ao assumir a importância do conhecimento para a conquista da equidade, é possível constatar o poder de perícia ou conhecimento.

Nos seus relatos, é comum ouvir a palavra auto-estima, que outrora algumas sequer conheciam. Para elas, a conquista da autonomia é algo tão valioso que independe da velocidade das suas conquistas: desejam multiplicar o que lhes chegam pelo aprendizado, conscientes de que a educação é fundamental para a qualidade de vida que tanto almejam. O ingresso ou retorno à escola representou um ganho na vida das mulheres da comunidade estudada. As mesmas enfrentaram desafios relacionados tanto à questão do transporte, quanto à resistência dos seus companheiros.

Quando a gente resolveu estudar, veio uma professora para a comunidade, mas não pôde voltar; aí, a gente se juntou e resolveu ir para Anagé estudar. Aí eu saí na região convidando todo mundo porque o motorista do ônibus da escola disse que pegaria a gente se tivesse mais pessoas. Antes a gente pegava o ônibus na Lagoinha, lá na pista, mas voltava com o motorista. (Violeta, 2005).

Eu estava estudando, mas o meu marido brigava todos os dias. Então eu fiz questão de aprender a ler, escrever e fazer conta, depois saí, porque já estou velha demais pra ficar batendo boca todo dia. Não vou mais pra escola à noite, mas sempre vou fazer uma visitinha na escola das crianças para aprender um pouco mais. A professora deixa eu ficar por lá. (Melissa, 2005).

Eu não tive a oportunidade de estudar. Pai não nos deu essa oportunidade. A gente morava longe e pai não tinha confiança. Ele achava que se eu aprendesse as letras só ia querer saber de namorar. Sempre lutei na roça com meus pais, cresci e continuei lutando, depois que virei mãe de 3 filhos, voltei a estudar. (Violeta, 2005).

Os depoimentos aqui reproduzidos demonstram a herança patriarcal que submete a mulher à dominação masculina, conforme Saffioti (1987) e Scott (2005). Na mudança de comportamento observada em alguns casos, destaca-se mais uma vez a importância do empoderamento das mulheres.

Meu marido conseguiu me afastar da escola de Anagé porque era à noite, mas não deixo de fazer as coisas do grupo. Já saí pra fazer curso em outras comunidades. Foi tão bom. Fiz laços de amizades nessa região toda. Adorei ser professora. Lembrei que um dia vocês disseram que quando a gente ensina, também aprende. Gostei de aprender com o pessoal que fui ensinar e gostei de conhecer todo mundo [...] Eu já fui dar curso de alimentação alternativa, de fazer silo, de doce da região e de mandioca, falei do CAT. (Melissa, 2005).

Nos anos de 1997 e 2002 os homens não desenvolviam qualquer atividade reprodutiva, contudo, em 2005, agregaram à sua rotina o que chamam de afazeres domésticos. Esse assumir acontece concomitantemente ao ingresso das mulheres na escola. Eles relatam que antes não precisavam fazer nada, pois recebiam tudo nas mãos. A identidade de gênero atribuída aos homens mantinha-os numa posição de comodidade; o trabalho reprodutivo era por eles considerado inapropriado.

Quando eu estudava à noite, meu marido sentia um pouco de ciúme, mas eu ia assim mesmo e ele cuidava de nosso filho que tem problema mental. Depois, ele ficou feliz, porque viu que eu já sabia compreender as letras. (Dália, 2005).

Dentre as atividades domésticas que desenvolvem, destacam-se: a limpeza da cozinha, lavagem de roupas e preparo de alimentos. Quando questionados sobre o sentimento gerado com essa mudança, todos os presentes afirmaram que no início foi um choque. Segundo um dos participantes, “Houve até gente que ficava com fome, mas não ia para a cozinha.” Com o passar do tempo, complementam, acostumaram-se e ficaram felizes com o desenvolvimento das suas esposas, mas não deixam de registrar que não gostam dos trabalhos domésticos, mas agora compreendem o esforço das mulheres.

Meu marido me ajuda para eu poder estudar. (Violeta, 2005).

Existia a crença, certamente bastante antiga, de que trabalho feito em casa não gerava cansaço. Segundo aquelas pessoas, existiam algumas situações de casais em que faltava entendimento, casos em que viviam brigando, pois a mulher se queixava de dores e cansaço e se indispunha à atividade sexual. Eles e elas alegam que depois que as mulheres começaram a estudar tais problemas diminuíram sensivelmente, pois parece que todas ficaram mais felizes e dispostas.

O estudo para mim é uma terapia. Se eu não estivesse estudando, eu estaria muito mais velha. (Violeta, 2005).

Nesse contexto, pode-se resgatar uma das concepções de melhoria da qualidade de vida abordada neste estudo, a qual está vinculada à competência das pessoas em responder às pressões negativas. Isso se torna possível com o conhecimento adquirido, em que a educação exerce papel fundamental. Segundo Freire (1996, p. 25): “[...] educar é educar-se para a liberdade.”

Segundo as mulheres, a mudança se deu quando elas começaram a colocar em prática os conhecimentos adquiridos nos cursos em que tinham participado. Assinalam que dois foram fundamentais para a ocorrência. O primeiro foi o de auto-estima, pois foi a primeira vez que elas pararam e se viram no espelho. Elas dizem que esse espelho foi o íntimo delas. O outro foi sobre liderança situacional, quando puderam compreender que todas as pessoas podem exercer liderança, podem se expressar e fazer escolhas cuidando de não ferir ninguém.

Mulheres que não costumavam sequer tomar decisões no âmbito doméstico, quando perceberam que eram capazes de fazê-lo, sem depender dos seus pais e companheiros, sentiram-se mais seguras e valorizadas. Para elas, a aquisição desse conhecimento propiciou o início de um hábito de negociar nos seus lares as atividades que desejavam ou não realizar e mostrar aos seus companheiros que também eles podiam fazer o mesmo, pois cada ser humano possui talentos que podem ser utilizados nas situações mais diversas. Tanto para os homens como para as mulheres envolvidos, nos últimos dois anos em especial, as suas relações melhoraram.

A despeito desses avanços, é perceptível que o lazer ainda não é algo amplamente desfrutado pelas mulheres. As atividades que declaram sentir prazer permanecem as mesmas, geralmente relacionadas à igreja.

É notório que, consoante os dados apresentados, o processo de capacitação teve grande influência nas transformações do cotidiano de homens e mulheres. Os efeitos que as capacitações geraram na comunidade são muito grandes, e tendem a crescer, à medida que os(as) participantes multiplicam os conteúdos apreendidos e mais pessoas se interessem em fazer parte das organizações existentes na comunidade. Os jovens não costumavam se interessar pelos assuntos comunitários, no entanto, começaram a freqüentar algumas reuniões. Um rapaz da comunidade, de 21 anos, ingressou na associação, motivado pela força que as mulheres vêm demonstrando nos últimos anos; ele afirma: “[...] busco mais capacitações e mais conhecimento.”

Toda a dinâmica descrita tem transformado o cotidiano dessas pessoas; é na vida cotidiana que os papéis historicamente atribuídos ao ser humano se manifestam com maior força, sucedendo-se as relações de gênero. Heller (2004) diz que a função do papel social é o resultado de numerosos fatores da vida cotidiana. No cotidiano se instauram as relações de gênero, poder que se revela revestido de engenhosidade, pois seduz e envolve, gradativamente, homens e mulheres, conservando-os aprisionados em estruturas invisíveis. O fenômeno ocorre tanto em macro como em micro instâncias, a exemplo das famílias, escolas, igrejas, grupos informais etc.

No campo do desenvolvimento, o fortalecimento dos aspectos de gênero é considerado processual. A definição de ações a serem desenvolvidas deve levar em consideração as diferenças entre homens e mulheres em relação à divisão do trabalho, aos seus problemas, necessidades, prioridades e propostas de soluções, participação e acesso aos recursos produtivos e oportunidades de desenvolvimento.

Percebe-se que as mulheres estão quase sempre em desvantagem, devido à estrutura patriarcal ainda presente na sociedade contemporânea. Considerando tal condição de inferioridade, não basta oferecer aos homens e mulheres igualdade de acesso aos serviços. É preciso criar condições especiais que proporcionem a participação dos grupos menos favorecidos, visando à equivalência das oportunidades e superação dos parâmetros que reforçam a situação vigente e impedem o pleno desenvolvimento das pessoas.

Considerando que relações de gênero configuram-se através de diferentes dinâmicas sociais, apresenta-se, pois, susceptível a constantes mudanças. Ainda que as sociedades e as comunidades estejam assentadas em tradições e costumes, as mudanças ocorrem e continuarão a ocorrer, da mesma forma que acontecem nas relações de gênero.

A perspectiva de gênero no âmbito do desenvolvimento rural abrange dimensões materiais e ideológicas. A dimensão material refere-se a uma perspectiva instrumental que se

propõe a corrigir manifestações das desigualdades de gênero. A dimensão ideológica imputa uma perspectiva transformadora, cuja finalidade é abordar as causas fundamentais dessas desigualdades. A fim de conseguir uma mudança significativa na condição de vida das populações, os projetos de desenvolvimento devem abordar as duas diferentes dimensões.

As pessoas da comunidade estudada vivenciaram tais perspectivas. Os aspectos aqui expostos demonstram o crescimento que esses seres humanos tiveram e estão tendo, e a oportunidade de viver com mais qualidade. Sem dúvida, as mulheres desse local têm grande responsabilidade e méritos quanto ao obtido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de um trabalho de gênero, alicerçado na participação, houve a melhoria das condições básicas de saúde, alimentação, moradia e educação, melhor convívio social com o aprimoramento das relações interpessoais, o despertar para a busca do auto-conhecimento e o contínuo exercício do princípio da liberdade, por meio da autonomia e da prática cidadã. Salienta-se o empoderamento dos agricultores e agricultoras, com maior destaque às últimas, visto a condição de desigualdade que continuam a enfrentar, resultante do contexto histórico e cultural da comunidade focada, a exemplo de muitas outras.

As relações de gênero sofreram uma re-significação; a equidade de gênero se faz presente e se cogita uma realidade com igualdade de direitos para homens e mulheres.

Ao se tratar das mudanças ocorridas no âmbito do trabalho produtivo, reprodutivo e comunitário dos homens e das mulheres, sempre eram elas justificadas ou referenciadas em alguns cursos. As mulheres da comunidade ainda assumem grande parte do trabalho reprodutivo nos seus lares, contudo, houve uma redução significativa em detrimento do seu reconhecimento por parte de todas as pessoas da comunidade, enquanto trabalhadoras rurais com responsabilidades, tarefas e valorização iguais às dos seus companheiros, irmãos e pais. Entre as mulheres houve uma inserção e, o mais importante, um reconhecimento do seu papel nas esferas produtivas e comunitárias, no caso dos homens houve uma descoberta acerca do trabalho reprodutivo.

No momento em que as mulheres assumiram postos de trabalho produtivos e comunitários, as atividades domésticas passaram a ser partilhadas. Inicialmente, houve muita resistência da parte do público masculino, no entanto, com o passar do tempo, eles compreenderam melhor a rotina feminina e reconheceram o trabalho delas no espaço privado, que sempre fora marcado pela invisibilidade. A mudança da realidade social colaborou para o fortalecimento das relações familiares e estabeleceu o diálogo e a negociação na maioria dos lares, o que antes não se mostrava como uma atividade comum; além disso, as pessoas mais jovens da comunidade, antes alheias aos assuntos coletivos, passaram a se interessar.

A coragem, a força, a esperança, o trabalho e o desejo de agregar maior qualidade de vida ao seu dia-a-dia transformaram as mulheres locais em maestrinas do desenvolvimento da comunidade. O trabalho desenvolvido com a perspectiva de gênero mostrou-se fundamental, à medida que convocou os participantes a refletir sobre as desigualdades entre homens e mulheres e propiciou a construção coletiva de caminhos que as superassem. As intervenções buscaram valorizar homens e mulheres enquanto cidadãos e cidadãs, além de investir na quebra de valores pré-concebidos e no fortalecimento dos indivíduos enquanto sujeitos históricos. O trabalho realizado proporcionou mudanças de comportamentos, modificou rotinas e envolveu sentimentalmente cada participante.

REFERÊNCIAS

FRENCH, J.R.P.; RAVEN, B. The bases of social power. In: Cartwright, D., ZANDER, A. (Ed.). **Studies in social power**. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1959. p. 150-167. Apud SMITH, P.B.; PETERSON, N.F. **Liderança, organizações e cultura: modelo da organização do evento**. São Paulo: Pioneira, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MORENO, J.L. **Psicodrama**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.

SAFFIOTI, H.I.B. **O poder do macho**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1987. (Projeto passo à frente. Coleção Polêmica) v. 10.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html> Acesso em: 21 jul. 2005.